

O CORPO E AS PEDRAS EM EVIDÊNCIA

Carlos Rafael Vieira Caxilé*

SENNETT, Richard. *O carne e a pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3 ed., Rio de Janeiro, Record, 2003.

A História do Ocidente está marcada pelas imagens dominantes do corpo humano. São 4 mil anos de casas, ruas e praças – equipamentos sociais urbanos indispensáveis. A geografia das cidades ocidentais põe em relevo espaços alternativos em que os corpos humanos estão sempre atentos uns aos outros.

A imagem idealizada do corpo transfere seus valores para as cidades. As pedras urbanas contam experiências de povos – homens e mulheres que sentem e vivem determinadas épocas e lugares. É possível compreender através da obra: *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, escrita pelo estudioso de História e Humanidades Richard Sennett, traduzido por Marcos Aarão Reis e publicado pela editora Record, como questões relacionadas ao corpo estão expressas na arquitetura, urbanismo e na vida cotidiana.

A obra é como o próprio autor diz: “uma história da cidade contada através da experiência corporal do povo”. O texto foi escrito com a preocupação de entender como a imagem do corpo humano foi usada nas cidades do passado e nas atuais:

Imagens ideais do corpo humano levam à repressão mútua e à insensibilidade, especialmente entre os que possuem corpos diferentes e fora do padrão. Em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente “o corpo”, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma. (p. 22)

Senneet, utilizando fontes diversas e dialogando com estudiosos de várias áreas dentro das História, Filosofia, Sociologia e Psicologia, buscou compreender como questões relacionadas ao corpo foram manifestadas no urbanismo, na arquitetura e na vida cotidiana da civilização ocidental.

Nas 362 páginas que compõem o livro, a cidade é entendida através da experiência de homens e mulheres que viam, se moviam, se tocavam, sentiam aromas, possuíam há-

bitos de vestir-se, banhar-se e de ter relações sexuais, desde Atenas antiga à Nova York contemporânea.

O autor estudou algumas cidades ocidentais: nelas, o anúncio de uma descoberta médica, a eclosão de guerra e revoluções ou a inauguração de um monumento marcaram significativamente as experiências corporais e os espaços de seus habitantes.

A narrativa inicia-se em Atenas. Os dois primeiros capítulos do livro tratam da representação da nudez para os antigos atenienses no tempo da Guerra do Peloponeso, quando a cidade vivia seu apogeu. Os corpos nus e expostos simbolizavam a liberdade e a autoconfiança desse povo. Mas também o ideal físico constituiu-se em fonte de desentendimento nas relações entre homens e mulheres estabelecidas no espaço urbano e na prática da democracia ateniense:

Nos espaços reservados à prática política da Atenas construída, notadamente no teatro erguido na colina de Pnice, onde se realizavam as assembleias dos cidadãos, a multidão se organizava, e seguia regras de votação tais que os indivíduos ou pequenos grupos votavam à vista de todos. A nudez simbolizava um povo inteiramente à vontade na sua cidade, expostos e felizes, ao contrário dos bárbaros, que vagavam sem objetivo e sem a proteção da pedra. Péricles celebrava uma Atenas em que reinava a harmonia entre carne e pedra. (p. 30)

Logo em seguida Richard Sennett focaliza Roma na época em que o imperador Adriano concluiu a construção do Pantheon. O autor analisa os primeiros espaços construídos por corpos cristãos a partir do retorno do convertido imperador Constantino a Roma e da construção da Basílica de Latrão. Os capítulos tratam da credulidade dos romanos as imagens. A crença que tinham na forma do corpo, e como essa fé se reproduzia na concepção urbanística e na prática política e social do império.

No mundo pagão, o sofrimento físico quase nunca foi considerado como uma circunstância humana. Homens e mulheres podem tê-lo suportado, aprendido com ele, mas não o buscavam. O advento do cristianismo conferiu à dor do corpo um novo valor espiritual. Lidar bem com ela talvez tenha se tornado mais importante do que sentir prazer; segundo a lição ensinada por Cristo através de seus próprios infortúnios, mais difícil era ultrapassá-la. Na vida terrena, o dever do cristão revelava-se pela transcendência de toda estimulação física; indiferente ao corpo, crescia a sua expectativa de chegar mais perto de Deus. (p. 110)

Daí em diante a análise volta-se para a alta Idade Média e a Renascença. Para o modo como as crenças cristãs sobre o corpo contribuíram para desenhar o espaço urbano. Apenas os corpos cristãos na Veneza renascentista eram considerados dignos. Operava uma exclusão e enclausuramento dos corpos judeus, considerados “meio humanos e meio animais”.

Em 1250, quando do aparecimento da notável Bíblia de São Luís, o sofrimento físico de Cristo na Cruz conduziu os parisienses medievais a uma determinada concepção dos santuários e dos lugares onde se praticava a caridade na cidade. Desconfortáveis e espremidos entre as ruas, esses locais serviam ao alívio da agressão física no contexto da nova economia de mercado. Na Renascença, os cristãos sentiram seus ideais de comunidade ameaçados à medida que povos não-europeus de outras crenças eram atraídos para a órbita da economia urbana do continente... (p. 21)

Na última parte do livro, Richard Sennett demonstra a influencia exercida pelos novos conhecimentos científicos anatômicos na formação do espaço urbano.

Foi uma revolução que teve início com o trabalho de Harvey, *De Motu Cordis*, no começo do século XVII, obra que alterou radicalmente o entendimento sobre o sistema circulatório, constituindo-se no primeiro estímulo, já no século XVIII, para as experiências de livre locomoção na cidade. Na Paris revolucionária, esse mais recente imaginário de liberdade corporal entrou em conflito com a necessidade do espaço comum e dos rituais comunitários, acarretando sintomas até então desconhecidos de passividade dos sentidos. O triunfo da liberdade individual de movimento, simultaneamente ao surgimento das metrópoles do século XIX, levou a um dilema específico e que ainda persiste: cada corpo move-se à vontade, sem perceber a presença dos demais. Os custos psicológicos de tal dilema eram óbvios para o novelista E.M.Foster, na Londres imperial; os custos cívicos são evidentes, hoje, na Nova York multicultural. (p. 21)

Dessa forma, a publicação da obra *Carne e Pedra* é de grande contribuição para aqueles que buscam compreender a relação estabelecida entre o espaço urbano e a experiência corporal na sociedade ocidental. É um livro que suscita interesse não somente porque tem o corpo humano como referência para entender o passado, mas porque é um trabalho que permite ao leitor pensar questões sociais e estéticas da contemporaneidade de uma forma realista e bastante imaginativa.

Nota

* Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- Bolsista CNPq.